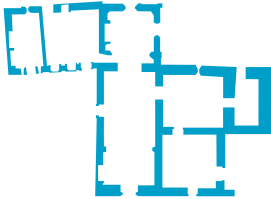


29.

MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE CÁRQUERE



| | |
|--|---|
|  | Rua do Mosteiro Cárquere Resende |
|  | 41° 5' 14.28" N 7° 57' 28.84" O |
|  | 918 116 488 |
|  | Sáb. 17h/19h (inv./ver.) Dom. 8h15 e 11h30 |
|  | Santa Maria 15 agosto |
|  | Monumento Nacional 1910 |
|  | P. 25 |
|  | P. 25 |
|  | Sim |

Edificado na encosta norte do maciço de Montemuro, quase à vista do Douro, o complexo monástico de Cárquere notabiliza-se não apenas pelo conjunto arquitetónico e artístico, mas pela profunda ligação aos primeiros anos da nacionalidade. Considerado, primeiramente, o local onde o pequeno infante Afonso Henriques (r. 1143-1185) se curara a pedido do seu aio, Egas Moniz (1080-1146), pela intercessão da Virgem Maria, constituiu mais tarde o panteão da poderosa família dos Resendes, até à sua dispersão, nos finais do século XV. As lendas urdidas pelos cónegos regrentes, que aqui governaram no espiritual e no temporal até ao século XVI, faziam parte de uma estratégia de consolidação e promoção que notabilizasse um património naturalmente apoiado por um extenso conjunto de bens fundiários e contributivos, numa vasta região a sul do rio Douro. E foram as riquezas que falaram mais alto quando coube reformar o Mosteiro, entregue no século XV a alguns eclesiásticos menos cientes das suas funções. A chegada dos jesuítas, no século XVI, determinou um novo fôlego na ampliação e consolidação do domínio de Cárquere. Deste instituto partiu a missão e a evan-

gelização que ajudou a formar o muito afamado santuário da Senhora da Lapa (Sernancelhe), a sudeste, nos confins dos planaltos da Nave. A posse de Cárquere foi pacífica até ao século XVIII, quando a perseguição aos jesuítas pelo Marquês de Pombal (1699-1782) atingiu a pequena comunidade alcandorada nas brenhas do Montemuro.

Este percurso, não obstante as vicissitudes dos homens e a sua cobiça, ficou de certa forma registado nos espaços e nos elementos artísticos que definiram o atual conjunto. Embora do período românico os vestígios (datados dos tempos de Egas Moniz e Afonso Henriques) sejam pouco expressivos, são dignos de registo: a fresta da capela linhagística dos Resendes e a torre, hoje imersa no conjunto,

mas que teria sido destacada do edifício eclesial e anexos.

No que toca à fresta da parede testeira do panteão dos Resendes deve-se destacar que surge ornamentada de ambos os lados. Se no interior prevalece uma linguagem geométrica, não obstante o desalinhamiento que se sente ao nível da composição das aduelas, é numa das arquivoltas do exterior que surgem os elementos mais originais, as chamadas *beak-heads*, motivos de importação anglo-saxónica e que se caracterizam pela conceção, em cada uma das aduelas, de animais unifrontados carregados de grafismo. Os capitéis optaram pela representação de aves, ora com pescoços enlaçados, ora sozinhas com as asas abertas.



OS SENHORES DE RESENDE

A linhagem dos Resendes, que os nobiliários fazem iniciar nos filhos de Afonso Rodrigues, de alcunha o "Rendamor", havidos com a monja raptada do mosteiro de Arouca, D. Mor Martins, centrou a sua atividade na região onde colheu o apelido, em particular em Cárquere - santuário que escolheram para seu panteão linhagístico. Os Resendes descendiam dos Baiões, de onde herdaram o brasão (de ouro, duas cabras passantes de negro, uma sobre a outra, revestidas com gotas do mesmo metal), e dos de Ribadouro, a cuja família se ligava Egas Moniz, dito o Aio, associado a Cárquere por ter participado na cura do infante Afonso Henriques, que a lenda diz ter nascido defeituoso das pernas. Sob intercessão da Virgem, Egas Moniz trouxe o príncipe até Cárquere e tendo aqui assistido ao milagre, foi generoso com a Igreja e o Mosteiro que dotou com legados.

Os que primeiro usaram o sobrenome Resende foram Rodrigo, Martim e Giraldo, filhos do referido "Rendamor" e da monja de Arouca. O neto do segundo, Vasco Martins de Resende, o "Trovador", encontra-se aqui sepultado juntamente com um filho e um parente de ambos, também chamado Vasco.

Todas as sepulturas são do período gótico e testemunham o ocaso desta família do contexto linhagístico português. A mulher do segundo Vasco Martins de Resende, D. Maria de Castro, tendo enviuvado sem filhos, casou uma segunda vez e levou com ela o património do seu primeiro marido, que depois se vinculou aos Castros. Serão estes que, a partir do século XVI, tomarão as rédeas do poder nesta região de Montemuro, dominando não apenas um extenso património imobiliário, mas vários direitos em igrejas, concelhos e honras.

Foi este mundo familiar e de linhagens que inspirou Eça de Queiroz (casado com uma descendente dos Castros, D. Maria Emília) a escrever *A ilustre casa de Ramires*, que, em finais do século XIX, descreve e satiriza o mundo social e político de um Portugal rural que ainda se revia naquele universo medieval.





Fundada sobre afloramento granítico, a robusta torre, de natureza defensiva e senhorial, poderá ter sido edificada na mesma ocasião do conjunto monástico e que alguns autores colocam no último quartel do século XII ou já no XIII.

Neste, a distribuição dos espaços, quer dentro da Igreja, quer exteriormente ao nível do atual cemitério (antigo claustro), denuncia a espacialidade românica. Todavia, aquilo que ainda hoje podemos apreciar quando entramos na Igreja de Cárquere é fruto de uma apropriação manuelina da fábrica românica primitiva, pontilhada por prévias intervenções góticas, de que é expressão maior a cabeceira, com a sua abóbada nervurada e janela mainelada, apenas visível a partir

do exterior. Da época manuelina destacam-se os portais principal e lateral norte. As pinturas murais preservadas (sob o retábulo de correr da parede testeira da nave) são também da mesma época da campanha manuelina (poderão datar dos anos 30 ou 40 do século XVI): no lado direito, uma representação de Santo António e Santa Luzia e, no outro lado, um conjunto de anjos esvoaçantes.

Da medievalidade são ainda as imagens da Virgem de Cárquere e da Virgem do Leite. A primeira tem excitado a curiosidade dos devotos pelas suas dimensões (2,9 centímetros de altura) e, sobretudo, por ligar-se-lhe a lenda da invenção (descoberta) em local ermo próximo, no qual mais tarde se fundaria o Mosteiro.





AS VIRGENS DE CÁRQUERE



Sendo Cárquere um santuário mariano é aqui muito forte a presença da Virgem, venerada sob dois títulos, o de Cárquere (século XIII) propriamente e o da Senhora Branca (século XIV). A primeira evoca os primórdios desta Igreja e do instituto monástico que se preservou até ao século XVIII. A segunda, não obstante ter sido introduzida pelos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, é fruto da devoção popular, que a tomou como intercessora dos recém-nascidos. Ambas trazem, aliás, o filho no regaço e ambas foram tidas como obreiras de auxílio divino relacionado com a infância: a primeira teria contemplado o infante Afonso Henriques com uma extraordinária cura e a segunda, através da sua matéria (o calcário), que buscada por mães receosas, providenciava o leite materno em falta.

As duas apresentam-se igualmente com o menino nos braços, sendo a de Cárquere sedenta, ou seja, estando sentada, e a Senhora Branca, em pé, segurando o Menino com a sua mão de dedos longos e esguios, uma característica das esculturas góticas. Efetivamente são ambas imagens medievais, mas separadas por anos e por sensibilidades artísticas diversas: a primeira é um claro exemplo de Virgem em Majestade, cuja posição em trono e rígida presença apela para uma alta medievalidade de Cristos e Virgens justiceros e vigilantes. As suas excêntricas dimensões tornam-na quase uma pequena relíquia que importa preservar dos olhares mais comuns. Por outro lado, o naturalismo da Virgem Branca, acentuado pela verticalidade das dimensões quase naturais, deve ter impressionado o vulgo, acalentando o caráter miraculoso do calcário que lhe deu o nome.

A Época Moderna, coincidente com a presença jesuítica, trouxe consigo a Reforma e, sobretudo, o barroco, de que salientaríamos o trabalho dos altares maior, lateral e o de São Sebastião (atualmente exposto na sacristia), todos integrados no período nacional.

O declínio de Cárquere começou em meados do século XVIII. Esvaziado dos seus guardiães e exposto o seu património à coibiça viu-se reduzido à condição de igreja

paroquial. Ao longo do século XIX, a crescente secularização e laicismo da sociedade ditaram que muito do património religioso fosse alienado ou decaísse em ruínas.

O século XX, pela mão de alguns investigadores e do crescente nacionalismo que buscava na história e no património os símbolos para reabilitar a nação e o novo regime republicano, olhou para Cárquere com a atenção devida a um dos legendários esteios da nacionalidade.



A NÃO PERDER

- 4,7 km: Museu Municipal de Resende (p. 269)
- 10,8 km: Termas das Caldas de Aregos (p. 270)